



RUI DA CRUZ / GLOBAL IMAGES

À MESA COM // FERNANDO SEBASTIÃO Presidente do Politécnico de Viseu arregaçou as mangas pelo desenvolvimento regional Por: **Ivete Carneiro**

O político fora das lides

A política não pode ser um meio de sobrevivência e por isso é que fugiu dela

“Pois é isso que nunca quero que me aconteça!” Bom, entre uma garfada de vitela no Casablanca do marisco, uma meca em Viseu, era de dinossauros que se falava. Fernando Lopes Rodrigues Sebastião fugiu das lides políticas antes que o fogo lhe chegasse à falta de senso. Era, então, vereador pelo PSD na Câmara de Mortágua, depois de ter sido, algures antes, um presidente de câmara relâmpago, nos curtos dez meses em que o então autarca de que era vice pôs o nível pessoal à frente do resto. “Convidaram-me”, na altura e depois e agora... “Não. Não devemos depender da política para viver. Passados anos, estamos desempregados”.

Ora, não será a vida do presidente do Instituto Politécnico de Viseu (IPV) pura política? É. Na medida em que ele sabe pertinentemente que está à frente de uma das poucas instituições capazes de trazer o verdadeiro desenvolvimento à região onde está implantada. E que agradece a limitação de mandatos. “É preciso sangue novo”.

“Tenho muito respeito pelos políticos, porque é uma atividade muito desgastante – 24 horas por dia, sem fins de semana...” Não ficou “com vontade de entrar nessas lides”, apesar de os tenros 26 anos com que as provou pudessem tê-lo iludido. “Não”.

Mas voltemos ao Casablanca, que foi por onde começamos. A refeição, nós, e a vida em Viseu, ele. “Quando vim para o IPV, almoçava aqui quase sempre”. Os funcionários, antigos como a mobília, conhecem-no todos. E ele a eles. Sabem-lhe o café cheio. Vinha de Mortágua, onde dera aulas na escola secundária, a Matemática de que tanto gosta e que o levava, cedo, à engenharia. Coursou-a em Coimbra, porque foi ali que fez o antigo 7.º ano que não havia na pequena Mortágua. A tropa por

cumprir, adiada pelos estudos, não lhe deu direito a emprego privado; virou-se ao ensino. Foi à política e veio e acabou convidado para Viseu. “Nunca procurei nada”, convidaram-no sempre, é presidente a bisar no IPV depois de ter instalado e dirigido a Escola Superior de Tecnologia e Gestão.

“Nunca pensei passar por isto”. A conversa saltou para a notícia do dia, mais 2,5% de cortes no Superior. “Não seria grave se não tivéssemos tido cortes de cerca de 30% em três anos. Se toda a Administração Pública cortasse como o Superior, a crise já tinha sido ultrapassada”. Por ali, corta nos consumos, na electricidade, nas novas contratações. Sim, tem serviços à mingua, num limite difícil de gente. Sim, teve de reduzir vagas, de 1542 para 1370 em três anos. Não, não vai reduzir os cursos. “São importantes para a região”.

E, à sobremesa, a conclusão. A empregabilidade dos alunos do IPV passa os 80%. “Alimentamos o mercado de trabalho local”. Depois, mais de 35% dos estudantes são trabalhadores: se fossem eliminados cursos em Viseu com a desculpa de que existem na Guarda ou em Coimbra, deixariam de ter acesso ao Superior – “Estamos a cerca de cem quilómetros de qualquer outra instituição de Ensino Superior”.

“Se não fosse o Politécnico, a região não era a mesma”. E passar a universidade, pretensão antiga do distrito? Captaria alunos, admite, mas, e a qualidade? Não, prefere apostar na qualificação do corpo docente do que entrar em batalhas inglórias. Em quatro anos, apoiou 150 doutoramentos de professores. Quando muito, Fernando Sebastião defende a designação europeia de “universidade de ciências aplicadas”, virada para o desenvolvimento regional, o apoio a e de empresas locais e a fixação de gente no interior. “Nem todos temos de formar engenheiros para fazer a ponte Vasco da Gama”. Café?

CASABLANCA Viseu

Couvert
Nacos de vitela na brasa
Sobremesas
Água
Pedra Cancela Branco
Cafés

TOTAL COM IVA52,95€

[CARTAS DO LEITOR]

Por que não emigrar?

Os povos desde sempre migraram. No início do século XV, historiadores calculam que a população portuguesa pouco ultrapassava o milhão e meio, e Cristóvão Colombo estimou que metade morreu durante os Descobrimientos.

Hodiernamente, observa-se uma transumância industrial, migrando os povos à procura de trabalho, onde quer que ele exista.

Se, antigamente, levava gente se deslocavam de uma província para outra, com dias de marcha, agora, com apenas duas ou três horas de avião, arranja-se onde ganhar pão.

Não é muito curial exigir que os governos deem trabalho e pão toda a gente, porque o trabalho só é dado na medida em que é preciso. E não é nada anormal o Governo incitar à emigração, porque já antes as pessoas emigravam sem ninguém as mandar. Eu próprio também já fui emigrante.

Mais importante do que ser feliz na terra onde se nasceu e se quer viver, é sentir-se feliz na terra onde se está, que dá pão e paz para se viver.

Ficar? Emigrar? Depende. É um calhar.

Uma coisa é certa: os nossos antepassados deixaram muitas portas abertas para o português brilhar.

Silvino Taveira Figueiredo
figaiano@sapo.pt

Universidades: o trigo e o joio

As universidades públicas aparecem em diversos indicadores de observatórios a nível europeu ou mundial em lugares de destaque e com tendência para subir. Destaco as universidades do Porto, Coimbra e Lisboa.

Ao contrário, as universidades privadas nem aparecem nestes rankings – porque o que os pais desejam destas universidades privadas é que o “menino” passe sempre e tire o canudo sem ser preciso um grande esforço, para depois se dedicar a uma área em que o canudo é preciso para efeitos de currículo, nada mais.

Veja-se os políticos mais jovens que até escondem quais as universidades privadas onde tiraram o canudo... É preciso separar o trigo do joio.

Carlos Vasconcelos
carlos.vascon@mail.telepac.pt

Desprezo por Rio Tinto

Com a aproximação de mais um período eleitoral autárquico, a farsa prossegue na nossa cidade. Vergada a políticas que a conduziram a um imobilismo degradante e a um cinzento paisagístico e urbanístico, subjugado a poderosos interesses imobiliários e especulativos, a cidade tornou-se inóspita. É um sacrifício insuportável viver aqui.

Falta quase tudo em Rio Tinto, desde equipamentos e infraestruturas básicas que propiciem uma qualidade de vida aceitável, até à degradação evidente do seu maior símbolo – o rio Tinto.

PS/PSD/Valentim Loureiro apresentam-se mais uma vez aos rio-tintenses, mentindo e tentando enganá-los com promessas e propostas enganadoras.

Estamos fartos de políticas corruptas e lesivas dos interesses dos cidadãos que habitam esta cidade. Estamos fartos da verborreia sufocante que os representantes dessas forças políticas descarregam, mais preocupados com os seus interesses pessoais ou outros mais subversivos. Não suportamos a mentira e o desprezo a que votaram Rio Tinto e as suas gentes.

Saibamos dignificar a nossa cidade expulsando esta gente que não merece a nossa consideração e respeito.

Alfredo Fernandes
alfredofernandesjihlava7@gmail.com

Tortura não é cultura

Hoje, olhamos com alguma hipocrisia para a excisão do clitoris em algumas tribos da Somália e do Sudão e para certos tipos de canibalismo que ou já existiram ou ainda existem.

Vemos com intolerância as tradições de muitas outras culturas, mas olhamos para o lado perante uma tradição espanhola (ou mexicana ou seja ela de onde for) que por cá se mantém.

As touradas em Portugal, com os seus trajes carnavalescos e ferros adornados de fitinhas, que encobrem, na estocada, o sangue bravo de um touro, são repugnantes. Chamam-lhe volapie, eu chamo-lhe carnificina.

Pedro Costa
p.f.costa67@gmail.com

Os textos devem ser breves, no máximo 600 caracteres, e enviados para leitor@jn.pt. Reservamo-nos o direito de os resumir ou não publicar. Não damos, por telefone, razões da escolha.